

AUTORA: RUKAYA HASAN – BOLSISTA BIC-UFRGS
ORIENTADORA: MARTA REGINA DE LEÃO D'AGORD
INSTITUTO DE PSICOLOGIA UFRGS

Introdução

O projeto faz parte da pesquisa "Psicanálise e Literatura", que investiga a intertextualidade entre estes campos do conhecimento. Na primeira parte deste projeto, foi realizada uma análise comparada entre o fenômeno do duplo a partir do conto William Wilson (1840), de E. A. Poe, e a concepção de imagem do semelhante no estádio do espelho e no modelo óptico (Lacan, 1966/1998).

Na etapa atual deste projeto, trabalha-se a função metodológica dos modelos, incluindo o modelo literário do espelho em duas obras homônimas de Machado de Assis e Guimarães Rosa. A psicanálise e a literatura fantástica aproximam-se pela consideração ao que excede o enquadramento da racionalidade científica, abordado como fantástico por uma e como fenômeno inconsciente pela outra. No estilo irônico dos dois autores brasileiros supracitados, destacamos a função crítica da literatura em relação à exclusão do sujeito na ciência positivista. Então, dando continuidade aos estudos realizados na primeira etapa deste projeto, a função teórica dos modelos possui um papel crítico em relação ao cientificismo como método exclusivo de evidências.

Método

O método desta pesquisa é o método psicanalítico, que prioriza a escuta como leitura da relação entre significantes. A produção conceitual, nessa forma de pesquisa, supõe a crítica, isto é, um conceito está sempre em correlação com os outros e só pode ser analisado em função do lugar de sua enunciação – seja pela voz de um autor, seja pelo sujeito na clínica. A intertextualidade é um aspecto metodológico que a pesquisa psicanalítica compartilha com a literatura comparada. O reconhecimento de que há um sentido que nos antecede é um princípio norteador da pesquisa psicanalítica.

Intertextualidade

Os Contos: O Espelho

As obras homônimas de Machado de Assis (1839-1908) e Guimarães Rosa (1908-1967) abordam o tema "espelho" como metáfora. Nesse sentido, podem ser lidas em intertextualidade com os modelos psicanalíticos para analisar a constituição da imagem de si a partir do olhar do outro. Ambos os contos têm, no primeiro plano, o esvaziamento da própria imagem quando a alteridade desaparece (em Machado) ou quando a alteridade é uma variável interveniente em uma experiência científica (em Rosa). Emerge, então, a voz do narrador, criando um segundo plano nas narrativas, isto é, um distanciamento crítico em relação a tudo o que fora narrado em primeiro plano.

O Papel do Espelho

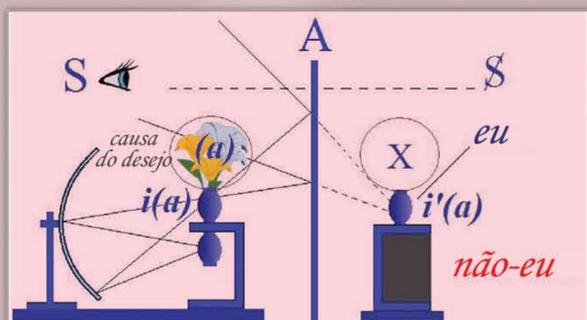
Em ambos os contos, o espelho aparece como instrumento de apoio ou busca de si mesmo, da própria alma. No conto de Machado, o espelho faz um duplo papel: ao mesmo tempo em que dá vida ao alferes, faz com que desapareça a identificação do homem Jacobina (conceito de alienação). Guimarães, por sua vez, utiliza o espelho para fazer uma reflexão a respeito da busca de si mesmo, enquanto que, em Machado, o personagem perde sua alma interior em função de outra proveniente do social.

Crítica ao Cientificismo

Lacan (1974-1975) retoma de Rabelais a ideia de que a ciência sem consciência é a ruína da alma, para enfatizar que a própria ciência é sem consciência. Podemos dizer que Machado e Rosa criam, cada um, uma nova teoria para a alma, para a constituição do ser humano. Através de seus estilos e narrativas irônicas, eles criticam o método positivista para acessar a alma, mostrando que o homem não pode ser objeto positivado. Ao mostrar que não se pode negar a implicação do próprio pesquisador/narrador em seu experimento, Psicanálise e Literatura vêm também como crítica a esse positivismo.

Modelo Óptico

Utilizando-se do método da lógica e da topologia, Lacan passou do Estádio do Espelho ao Modelo Óptico para tentar explicar a constituição do sujeito psíquico. No Modelo Óptico, o Outro é o mediador pelo qual o sujeito encontra sua "própria" imagem, porém é também o que separa o sujeito de sua imagem. A função topológica mostra o que é preciso introduzir para resolver esse enigma: o estádio do espelho é aprimorado como um modelo através de um experimento conhecido como modelo óptico da Física. Nesse experimento, um ramalhete de flores posicionado entre um espelho côncavo e um espelho plano terá sua imagem invertida.



O modelo óptico acima descreve a constituição do sujeito psíquico. Para essa descrição, a imagem especular serve como metáfora para indicar que o sujeito não se funda

a si mesmo. Ao invés de autonomia, há alienação, ou seja, o sujeito se reconhece através de uma imagem que ele não é, e onde não está.

Apesar da ilusão de se conhecer através do espelho, o eu só se (re)conhece no espelho como uma imagem alienada. Para a distinção entre eu e não-eu será preciso que, virtualmente, eu me veja projetado em $i'(a)$, com a possibilidade de me situar em $i(a)$, como origem da projeção.

Há um resto, no entanto, chamado de "a", que não terá seu correspondente especular, mas que corresponderá à causa do desejo inconsciente no sujeito (representado pela alma, em nossos contos). Mas será esse resto inconsciente que produzirá a ilusão (x) que alimenta narcisicamente essa imagem não-eu $i'(a)$ da qual me aproprio e onde me reconheço.

A ideia de um exterior antes de uma certa interiorização, que se situa em a, antes que o sujeito, no lugar do Outro, capte-se na forma especular, em x, forma esta que introduz para ele a distinção entre o eu e o não-eu. (Lacan, 1962-1963)

Discussão

O esvaziamento da imagem de si, mediada pelo espelho como instrumento científico em Rosa, ou mediada pelos significados sociais (imaginário social – farda) em Machado, encontra-se com o que a leitura psicanalítica vem trabalhando, como podemos inferir a seguir: a alma, então, pode ser vista como um espaço vazio a ser preenchido, tanto pela ciência quanto pelo social. A alma se configura como um objeto vazio, inalcançável. Ela seria, dessa forma, o objeto "a" – objeto que despertou o desejo e o interesse dos narradores.

Observamos, nos dois contos, que há uma dependência do olhar externo para si próprio. Não basta a consciência de identidade, de ser uma pessoa independente de qualquer coisa. Para se afirmar como existente, como algo valoroso, o personagem machadiano depende da admiração externa a si. Podemos dizer que essa mediação é representada pelo Outro no espelho (modelo óptico acima).

O texto machadiano, que se assemelha a um ensaio, em que Jacobina exemplifica de maneira didática o esboço de uma nova teoria da alma humana, defende que se pode mudar constantemente de espelho, dependendo da relação que se estabelece com o Outro. Para a nova teoria, conhecer a si é ser conhecido pelo Outro. Diferentemente, a experiência através do espelho da narrativa rosiana deixa-nos a dúvida sobre como se encontrar o verdadeiro "eu" (será esse "eu" encontrado em sua imagem no espelho?).

No relato de Jacobina, é a experiência que ocorreu com ele que o autoriza a afirmar que, dependendo da relação que a pessoa estabelece com o Outro, a natureza da sua alma exterior é alterada. O episódio relatado por ele exemplifica como a alma exterior sofre mudanças conforme a relação estabelecida com esse Outro. As várias denominações do protagonista machadiano também refletem a natureza das diferentes almas exteriores construídas a partir de cada relação com o Outro.

"A 'teoria da alma externa', formulada pelo machadiano Jacobina, é forçadamente convertida em uma visão externa à alma, que permitiria destituí-la de subjetividade, quando na verdade ela é a teoria que sustenta ironicamente a dependência radical do sujeito para com o olhar do outro que lhe dá um sentido." (Wisnik, 2010). Isto fica claro no modelo óptico, pois ao invés de autonomia, há alienação, que é constitutiva do eu/sujeito. Esta é a alienação constitutiva do sujeito: a ideia de que a imagem do eu se forma a partir da imagem do outro, ou seja, da antecipação de uma imagem à sua totalidade, a imagem sempre estará à frente do próprio sujeito – eu sei que não estou ali, mas essa imagem me representa.

Resultados

O desencontro com a própria imagem no espelho não poderiam ser considerado como um modelo literário para a constituição do sujeito a partir de uma alteridade que o precede? Lacan nos oferece o modelo óptico para explicar estes fenômenos, Machado e Guimarães nos oferecem, cada um, um modelo literário.

Os autores "vão ao fundo do mesmo problema, quando seus narradores se deparam com o vazio de imagem no espelho com que se defrontam. Não há como duvidar de que esses textos participam do mesmo processo de desconstrução da alma levada a efeito pelo Ocidente, em que o eu se define cada vez mais como "um outro" que lhe é estranho." (Wisnik, 2010)

Como resultados, há um enriquecimento da teoria e a fundamentação da prática clínica da escuta, na medida em que, no processo de pesquisa, os elementos recolhidos com a literatura cumprem a função de traços do caso clínico. Desta forma, o projeto também contribui para o aporte crítico na área da psicopatologia, já que a pesquisa, ao resgatar as fontes literárias do psicopatológico, problematiza termos, nomenclaturas e conceitos dessa área do conhecimento.

Referências

- ASSIS, Machado de. (1882/1994). O espelho – Esboço de uma teoria da alma humana. In: Obra Completa (Vol. 2). Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- FREUD, Sigmund. (1904/1976a). Sobre a Psicoterapia. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. 7). Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- LACAN, Jacques. (1962-1963/2005). O Seminário, livro 10: a angústia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- LACAN, Jacques. (1966/1998) Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- LACAN, Jacques. O seminário: RSI (1974-1975). (Versão não publicada).
- ROSA, João Guimarães. (1962/2005). O espelho. In: Primeiras histórias. Nova Fronteira, 2005.
- WISNIK, José Miguel. (2010). A mente contra-ataca. Jornal O Globo, Rio de Janeiro.
- WISNIK, José Miguel. (2010). Último Capítulo. Jornal O Globo, Rio de Janeiro.